

GUERRA E PAZ NO PERÍODO SEVERIANO: A QUESTÃO DOS PARTOS

Profa. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves – UFG

O mundo romano sob a égide dos Príncipes vivenciou inúmeras guerras civis e externas, nas quais os aspectos militares e estratégicos se mesclavam com características econômicas, políticas, sociais, religiosas e culturais. O ato de empreender uma batalha se iniciava muito antes do confronto em si. Eram necessários, por vezes, meses de preparação, com a organização dos suprimentos e de armas, a convocação dos soldados, a preparação das tropas, a definição dos generais (legados imperiais) e de suas táticas, a construção de armamentos e algumas vezes, quando se fazia estrategicamente necessário, de barcos. Mesmo quando Roma buscava mais se defender de perdas sucessivas de territórios do que ampliar o *limes*, os empreendimentos bélicos suscitavam preparativos e expectativas.

Na passagem do II para o III século d.C., período de governo de Septímio Severo (193 a 211 d.C.) e de seus filhos Geta (211 a 212 d.C.) e Caracala (211 a 217 d.C.), o *agon* dos gregos, o espírito competitivo, não desapareceu entre os romanos. Mesmo tendo enfrentado uma guerra civil que se estendeu de 193 a 197 d.C., Septímio empreendeu lutas externas. Caracala, após se desvencilhar do irmão, também se lançou a operações de guerra. Nos dois governos, um mesmo inimigo antigo foi atacado: os Partos.

No final do período republicano, quando os romanos buscavam o domínio sobre terras orientais, uma batalha perdida marcou o imaginário romano para sempre: a Batalha de *Carrhae* (Carras). Combatida e desastrosamente perdida em 53 a.C. por Marco Crasso (membro do Primeiro Triunvirato, junto com Cneu Pompeu e Julio César), a batalha colocou em lados opostos os romanos e os partos, sob as ordens do general parto Surenas e do rei Orodes dos Arsácidas. Esta batalha nos é relatada por Plutarco, na Vida de Crasso, integrante de suas *Vidas Paralelas*.

Segundo Plutarco, a expedição de Crasso contra os Partos foi uma grande tragédia, marcada pelo principal defeito deste romano: sua cupidez, sua avidez por riquezas. Após controlar a insurreição dos gladiadores de Cápua, cujo líder foi Espartaco (74 d.C.), Crasso recebeu do Senado o controle sobre a Síria e passou a sonhar com os caminhos traçados por Alexandre Magno, todos os tributos, riquezas e pilhagens que podiam ser conquistados se o território sob domínio dos romanos fosse expandido até a Índia. Para se chegar até lá era necessário passar pelo território dos Partos, povo que nem sempre aceitava a interferência romana em seus assuntos internos.

As batalhas a serem travadas contra os partos aparecem como decisões individuais de Crasso, baseadas em sua busca de riqueza. A guerra parecia desde o início fadada a desgraça, pois vários prodígios indicavam que a mesma não contava com o apoio das divindades. O mar estava bravo e várias naus se perderam. Chegando a Brundisio, cruzou o rio Eufrates e passou a organizar a tomada de Zenodotia, na Mesopotâmia, cidade por ele pilhada, cujos habitantes foram vendidos como escravos, pois ao contrário de outras cidades, seus cidadãos se recusaram a se render voluntariamente aos romanos. Deste modo, Crasso aumentava seu patrimônio, o de seus soldados e a riqueza de Roma, além de politicamente se mostrar um feliz general e travar alianças no Oriente, por onde passavam importantes rotas comerciais. Ao invés de ocupar as estratégicas cidades de Babilônia e Seleucia, eternamente hostis aos partos, que como os romanos buscavam aliados no Oriente, ele preferiu ocupar novas cidades na Síria, por motivos mais econômicos que militares.

Os partos tentaram lhe enviar embaixadores, propondo um acordo, mas Crasso preferiu continuar se preparando para a invasão da Partia, contando com sete legiões e um corpo auxiliar formado por cavaleiros que haviam lutado sob ordens de seu filho nas batalhas de César na Gália. Um chefe tribal árabe, de nome Abgar, convenceu Crasso a se afastar das margens do rio e a enveredar por uma ampla planície, na qual as tropas romanas foram atacadas pelos arqueiros e pelos cavaleiros partos. Os

romanos ficaram atônitos ao terem que lutar em areais profundos, planuras sem vegetação e sem água.

Acostumados a lutarem contra gauleses quase nus, as armas romanas não conseguiam perfurar as couraças partas, que protegiam homens e cavalos. Ao contrário, as flechas partas partiam todas as armaduras romanas. O movimento dos cavaleiros partos, em volta das tropas romanas dispostas num grande retângulo, levantava massas de areia que impediam os romanos de ver e gritar. Publio Crasso foi morto, sua cabeça foi cortada e exibida na ponta de uma lança. Crasso e seus homens entraram em pânico e resolveram fugir. Foram, então, atacados pelas costas, por um artifício chamado a partir deste momento de “flechas partas”. Os poucos soldados que sobraram resolveram fugir a noite do acampamento, deixando para trás os feridos. Crasso partiu na escuridão, pois sendo acima de tudo arqueiros, os partos precisavam da luz do sol para combater. Foi acolhido junto com os sobreviventes na cidade de Carras, de onde também fugiu a noite, tendo a frente Andromaco, que a pedido dos partos jogou os romanos na região dos pântanos profundos.

Crasso acabou se rendendo aos partos. Surenas declarou que a partir daquele momento havia trégua e paz entre o rei Orodes, que havia aproveitado o confronto com os romanos para atacar a Armênia, e os romanos, mas que seria necessário avançar até o rio para por o acordo por escrito, uma vez que vos, romanos, não tendes boa memória no que diz respeito a tratados. Quando Crasso montou o cavalo para acompanhar Surenas, um parto chamado Exatres o matou, cortando-lhe a cabeça e a mão direita, enviadas ao rei Orodes. Segundo Plutarco, foi uma das piores derrotas dos romanos, com vinte mil mortos e dez mil prisioneiros, num momento em que estes se cobriam de vitórias.

Desta forma, não deve ser de estranhar que empreender guerras aos partos se revestia de um sabor especial para os romanos. Além de ser uma terra rica, de cidades antigas e pela qual passavam grandes rotas comerciais, a Partia havia sido conquistada pelo macedônio Alexandre, em seu caminho para a Índia, o modelo

preferencial dos Imperadores romanos do Alto Império, e havia uma boa justificativa para empreender este combate, pois sempre se poderia vingar a derrota sofrida no passado. A Partia era símbolo de uma Ásia remota e nunca completamente dominada nem mesmo por Alexandre. Acrescente-se que os romanos no Alto Império, com a diminuição das conquistas territoriais, buscaram fortalecer o *limes* com barreiras naturais como cadeias de montanhas e rios. Portanto, dominar as regiões próximas aos rios Tigre e Eufrates se convertia numa empresa de defesa mais do que de ataque.

Portanto, não é de se estranhar que os Severos travassem batalhas contra os partos. Septímio se dizia o continuador dos Antoninos, que também haviam enfrentado os partos. Severo mudou o nome de seu filho mais velho, Bassiano, para Marco Aurélio Antonino (196 d.C.) e proclamou-se filho de Marco Aurélio e irmão de Cômodo (197 d.C.), realizando uma adoção ao contrário. Caracala recebeu o título de *imperator destinatus* em troca do apoio que deu ao pai nas batalhas travadas no Oriente (197 d.C.).

A guerra de Trajano contra os partos, travada entre 114 e 117 d.C., pode ser interpretada como uma tentativa de criar uma fronteira mais forte pela presença de barreiras naturais (rios Tigre e Eufrates). Mas, além disso, a região próxima a Partia era repleta de “estados-clientes” de Roma, isto é, regiões ou cidades que se mantinham relativamente autônomas se respeitassem os acordos feitos com os romanos, que tinham que apoiar seus soberanos. Qualquer troca de chefes sem o acordo de Roma era encarada como declaração de guerra aos romanos.

Em 113 d.C., Chosroes, rei dos partos desde 110 d.C., havia promovido uma troca de reis na Armênia, “estado-cliente” de Roma. Axidares, que contava com o apoio dos romanos, foi substituído no poder armênio por Parthamasiris, da família dos Arsacidas, reinante na Partia. Em 114 d.C., legiões romanas, tendo Trajano a frente, invadem a Armênia e a Mesopotâmia. Parthamasiris depositou seu diadema real nos pés de Trajano e pediu o aceite de Roma ao seu poder na Armênia. Todavia, Trajano

percebeu que tal ato fortalecia por demais o poder dos partos sobre o Oriente e as legiões romanas acabaram por invadir e ocupar Ctesifonte, capital parta, promovendo a fuga do monarca e se apossando do trono de ouro do rei dos partos. Atacaram também a região de Adiabene e criou-se a província Assíria, com a intenção de tributar as cidades da região recém-conquistada e controlar as rotas comerciais que vinham da Índia. Antes de partir, Trajano coroou Parthaspates rei dos partos e passa a considerar a Partia como “estado-cliente” romano. Ao retornar desta empreitada, Trajano morreu na Cilícia. As novas terras conquistadas se rebelaram, e seu sucessor, Adriano, preferiu abandonar as novas províncias, não sem antes refazer seus tratados com a Armênia e a região de Osroene, que considerava mais ricas e interessantes para os romanos.

Dion Cássio afirma que as batalhas de Trajano contra os partos foram uma empresa motivada simplesmente pelo seu desejo de glória. Contudo, parece-nos que Trajano queria, ao atacar os partos, garantir a predominância de Roma sobre os “estados-clientes” orientais, cuja ascendência disputava com os partos, proteger a conquista da Dácia com uma fronteira natural fluvial e se aproximar dos grandes feitos alexandrinos, mesmo tendo mais de sessenta anos de idade. Defende-se que a opinião romana, feliz com a conquista da Dácia, teria feito pressão sobre o Imperador para aproveitar a empreitada e eliminar o perigo partico, povo visto como detentor de costumes exóticos e mentes traiçoeiras.

Os partos atacaram “estados-clientes” romanos em 161-162 d.C., já no governo de Marco Aurélio e Lucio Vero. O rei Vologeso III invadiu a Armênia e a Síria, procurando expandir os domínios territoriais partos. Foi o próprio Lucio Vero quem foi a frente das legiões romanas. Mais uma vez, Ctesifonte foi invadida, pilhada e destruída, mas a região permaneceu fora do *limes*, pois os partos aceitaram assinar um acordo no qual devolviam as regiões conquistadas previamente e entregavam aos romanos a cidade de Doura-Europos (166 d.C.). A cidade de Carras foi reduzida a condição de colônia. Além disso, uma peste dizimou boa parte das legiões que

estavam no Oriente e os Quados e Marcomanos atacaram a região do Reno-Danubio. A ameaça parta permaneceu esporádica.

Após o assassinato de Pertinax por membros dos Pretorianos, quatro homens receberam o título imperial: Didio Juliano, Septímio Severo, Pescênio Nígro e Clódio Albino. Severo somente conquistou o poder soberano após várias guerras civis. Entre as batalhas travadas contra as forças de apoio de Nígro e os combates contra os defensores de Albino, Septímio atacou os partos. Tornava-se necessário demonstrar aos romanos que Severo era capaz de vencer não apenas inimigos internos, mas também expandir o território romano. Só se ganhava fama e glória com ataques a povos estrangeiros.

Quando começou o ataque a Nígro, Severo enviou cartas pedindo o apoio dos reis da Armênia, de Hatra e da Partia. O rei armênio acusou neutralidade; o rei de Hatra enviou um grupo de arqueiros; o rei dos partos pediu tempo para reunir um exército, tentando se esquivar da luta. Severo considerou isso uma traição.

Com a justificativa de perseguir os amigos de Nígro, que haviam fugido junto com ele em direção ao território parto (194 d.C.), Severo, sem atacar diretamente os Partos, quis restabelecer a autoridade junto aos sírios, árabes e mesopotâmicos, que tinham aproveitado a desorganização imperial causada pelas guerras civis para se revoltarem. Severo quis empreender uma expedição punitiva contra soberanos e cidades orientais que haviam apoiado, direta ou indiretamente, Nígro: partos, armênios, adiabenos, osroenos, árabes.

Apesar de chamar a expedição de Partica, Septímio e suas legiões atacaram as regiões de Osroene e de Adiabene, limítrofes com a Partia, seguindo os passos de Trajano, anexando-as. A invasão foi feita no período menos propício, e pelo fato dos rios estarem vazios, vários barcos tiveram que ser carregados pelos soldados pelas margens dos rios. Mas para Dion Cássio, Severo estava protegido pelas divindades, pois, assim que ele ingressou no seco território oriental, um grande temporal atingiu suas legiões, que puderam fazer um suprimento de água.

Segundo Herodiano, com os soldados de Nigro, os partos e seus vizinhos aprenderam melhores técnicas de combate corpo a corpo, a se cobrirem com armamento completo e a fazer armas com tecnologia romana, o que os tornava muito mais perigosos em termos militares. Severo teve que retornar a Roma rapidamente quando, em 196 d.C., Clodio Albino se fez proclamar Imperador na Bretanha, descontente de ter sido afastado da sucessão imperial pelo título de *Imperator Destinatus* concedido a Caracala após as batalhas no Oriente.

Com a eliminação de Albino em 197 d.C. e a reorganização das fronteiras no Ocidente, Septímio estava livre para consolidar a fronteira oriental, da qual tinha saído apressadamente. O próprio Príncipe capitaneou a invasão da Partia. O rei parto Vologeso IV fugiu ao ser informado da entrada das legiões severianas em seu território, permitindo que Severo e seus soldados pilhassem Ctesifonte mais uma vez, em 197 d.C. Por isso e pelo fato de boas correntes marítimas terem conduzido os barcos de Severo até Ctesifonte, Herodiano afirma que foi mais por sorte do que por estratégia que foi celebrada a vitória contra os partos.

Destarte, como ressalta Dion Cássio, Severo não acreditou ser oportuna a conservação da conquista, visto que a expedição havia sido mais punitiva que de conquista e havia perdido um contingente muito grande de homens para ter que deixar muitas tropas tomando conta dos territórios recém-conquistados.

A partir de 214 d.C., Caracala, como seu pai e antecessor, empreendeu várias viagens ao Oriente, buscando se assemelhar a Alexandre Magno. Porém, quando chegou a Antioquia, o rei parto Vologeso V se apresentou a ele e lhe deu de presente a morte do rei da Armênia, Tiridate, que não andava respeitando as ordens romanas, e do filósofo cínico Antioco, que havia feito críticas públicas ao governo de Caracala. Com isso, o Imperador não tinha mais justificativas para atacar a Partia.

Em 216 d.C., o Príncipe deixou o Egito e retornou a Síria. Lá foi informado que Vologeso V havia sido destronado por seu irmão Artabano, contrário a manutenção de acordos com os romanos. Caracala, então, propôs casamento a uma princesa parto,

querendo imitar Alexandre, que havia desposado Roxane, uma estrangeira, e por considerar a Partia o único Império que havia rivalizado com Roma em toda a sua historia. Como o rei parto Artabano V se negou a ceder uma de suas filhas, Caracala viu neste ato uma justificativa para invadir seu território e pilha-lo.

Herodiano identifica motivos políticos e econômicos para a invasão da Partia. Caracala atacou Arbela, capital da região de Adiabene, permitindo que seus soldados pilhassem as tumbas dos antigos reis, fato que possivelmente desagradou às divindades.

Quando saia de Edessa para Carras, pretendendo pedir a proteção da deusa Selene para a nova empreitada contra os partos, Caracala foi assassinado por ordem de Macrino, que preferiu um acordo com os partos (pagou duzentos milhões em moedas de prata e em presentes para que os partos desistissem de invadir a Mesopotâmia). O acordo foi considerado desastroso pelos romanos.

Os partos não invadiram mais territórios de “estados-clientes” dos romanos e acabaram sendo dominados pelos persas sassanidas em 224-226 d.C. Os partos nunca se expandiram além da Síria e da Capadocia, mas sempre incomodaram os romanos, pois permaneceram sendo até o III século d.C. a única potência com uma certa importância no Oriente, capaz de incomodar os “estados-clientes” de Roma.

Portanto, as incursões dos Severos nas terras partas buscaram garantir a soberania romana no Oriente, além de enriquecer o *aerarium* com as pilhagens, agradar os soldados, demonstrar a coragem e a capacidade estratégica dos Príncipes e fortalecer os laços de Roma com seus “estados-clientes”. Conseguiram também inscrever seus nomes entre aqueles que pretenderam fortificar as fronteiras e vingar os romanos de desastres bélicos do passado.